

1 TEATRO DA
TRINDADE
INATEL

ALICE

NO PAÍS DAS MARAVILHAS

DE LEWIS CARROLL ENCENAÇÃO MARCO MEDEIROS DIREÇÃO MUSICAL ARTUR GUIMARÃES

“Quem és hoje e o que pretendes ser?”

Marco Medeiros

Sempre que pensamos na história da *Alice no País das Maravilhas*, somos levados para um imaginário inquietante de fantasia, no qual uma jovem atravessa um apetecível universo paralelo, ou, se preferirmos, invertido.

Confesso que esta história deixou-me sempre desconfortável, talvez por nunca ter descoberto o seu propósito, ou então, mais vale assumir que é apenas uma história escrita numa longa noite, na qual Lewis Carroll molhava a pena em ópio em vez de tinta. Mas eu prefiro acreditar que esta história tem um real propósito e que, graças a ele, percorreu 160 anos para que possamos hoje falar dela.

Ao revisitar esta *Alice*, levantou-se uma enorme questão: Quem és hoje e o que pretendes ser?

O texto de *Alice* tenta responder-me:

– Já aconteceram tantas coisas, que talvez não saiba bem quem sou.

Para mim, *Alice* é isto:

Quem somos? Quem queremos ser? Onde queremos pertencer? Que mundo é este em constante metamorfose?

Como diria Anne Frank:

– O mundo está a passar uma fase, mas é só uma fase.

E Shakespeare deixa-nos com a sua eterna questão:

– Morrer, dormir, dormir e talvez sonhar, mas aí é que está o difícil.

Talvez seja esta a mestria dos grandes dramaturgos: levantar questões, tal como fez Lewis Carroll.

E, por isso, ainda sem respostas, aceito o desafio de entrar neste mundo fantástico. Levo comigo uma mochila cheia de responsabilidade, e, para que possamos partilhar o fantástico que é este universo, temos a Ângela Rocha, na cenografia, e a Rafaela Mapril, nos figurinos. Esta viagem não seria nada sem a música e a sonoridade do Artur Guimarães.

Como o terreno é perigoso, contamos com o apoio de produção e comunicação do Teatro da Trindade INATEL, bem como toda a sua fantástica equipa técnica.

No meio de todas estas questões existenciais, há certezas que se vão afirmando e há uma que se destaca. Teatro é unidade, é confiança e partilha e, por isso, estar acompanhado por este elenco será, sem dúvida, um dos maiores prazeres: Alexandre Carvalho, Diogo Mesquita, FF, JP Costa, Mariana Lencastre, Rita Tristão da Silva, Romeu Vala, Ruben Madureira, Sissi Martins e Soraia Tavares.

Por todas estas e outras mais razões, convidamos-vos para esta *Alice*, a partir de setembro, aqui no Teatro da Trindade INATEL.



“A música também é texto e o texto também é música”

Artur Guimarães
Entrevista **Sónia Castro**

Que universo sonoro foi criado para esta *Alice no País das Maravilhas*?

Esta viagem que fiz com o Marco Medeiros foi muito divertida. Temos gostos musicais em comum e partilhamos referências, que vão desde The Beatles ao teatro musical cinematográfico mais recente, como *The Greatest Showman* ou *Moulin Rouge*, passando pelo rock dos anos 80 e 90, até aos grandes adágios e música clássica. Pensámos também em Queen, Muse, e ainda no teatro musical clássico da Broadway. Tudo isto foi colocado dentro de um caldeirão e misturado, para depois “cozinhar” com a nossa orquestra e o nosso elenco.

Depois de todos esses ingredientes entrarem no caldeirão, que pratos musicais são servidos neste espetáculo?

Se tivesse de classificar isto, seria um rock sinfónico progressivo. É um pouco uma ópera rock, mas com vários estilos pelo meio. É sempre difícil caracterizar e resumir num só estilo uma peça de teatro musical, porque o teatro musical abrange vários estilos dentro da própria linha estética de um só espetáculo. Neste caso, podemos designar de ópera rock sinfónica.

A presença de uma orquestra ao vivo influenciou o estilo e os arranjos dos temas?

Sem dúvida. Ter músicos numa peça de teatro musical é fundamental. Nós estamos a respirar com os atores, estamos a contar a história que eles estão a contar. Por isso, todos os sons e sonoridades não são ao acaso, não são só para acompanhar o cantor. Todos eles fazem parte, têm uma intenção e um motivo. É como o texto que os atores dizem. A música também é texto e o texto também é música. Tudo se funde. Como estamos a contar uma história, é fundamental que ela seja contada por pessoas e não por máquinas.



Durante os ensaios, houve espaço para improvisação e alterações musicais ou a estrutura já estava fechada e assim se manteve?

Havia uma ideia pré-concebida, mas depois no espaço, com os atores e os músicos, a peça é um monstro, é um ser vivo que cresce e que toma certas dimensões. Nós temos de acompanhar. Portanto, houve muito espaço à criação *in loco*, a algumas alterações e alguns momentos de improvisação, que até acabam por acontecer no próprio espetáculo, com algum balizamento, obviamente. Cada dia é diferente, o público é diferente, os atores têm, às vezes, inflexões um pouco diferentes e nós estamos a acompanhar isso. Quando entra nesta viagem, a Alice também não sabe o que lhe vai acontecer e é muito importante passarmos isso para as pessoas.

No Teatro da Trindade INATEL, este é o terceiro espetáculo em que assume a direção musical (os anteriores foram *Chicago* e *Sonho de Uma Noite de Verão*), mas desta vez também criou música original. Há uma responsabilidade adicional ao compor temas originais ou o desafio é ainda mais entusiasmante?

Os desafios são todos diferentes e entusiasmantes. Por exemplo, fazer o *Chicago*, que é um grande clássico que eu e o público adoramos, foi uma responsabilidade e um prazer. O *Sonho de Uma Noite de Verão* tinha temas de autores que atravessam várias gerações, e de quem nós, portugueses, somos grandes fãs. O arranjo e a orquestração foram também desafiantes e uma grande responsabilidade. E chegamos a *Alice no País das Maravilhas*, em que ninguém conhece a música, esta será ouvida pela primeira vez e é uma grande

responsabilidade. Poder inventar foi um processo diferente, mas igualmente interessante e cativante. Em qualquer um destes espetáculos, nós apoderamo-nos da música e ela torna-se nossa a partir do momento em que a interpretamos.

Trabalhar com um elenco com forte experiência em teatro musical traz desafios específicos? Como foi o processo de trabalho com os atores-cantores?

Foi excepcional! Eles são um elenco muito talentoso e muito rápido. Conseguimos, em pouco tempo, levantar musicalmente o espetáculo – e alguns temas são bastante exigentes! Ou seja, eu pude elevar, cada vez mais, o nível de exigência, porque eles eram rápidos, retinham bem, fizeram o trabalho de casa e estudaram, tanto a música, quanto a coreografia e o texto. Trabalhar com pessoas assim

apaixonadas e talentosas torna tudo muito mais fácil.

O que espera que o público leve consigo, musicalmente, ao sair da sala no fim do espetáculo?

O mesmo que eu levo quando saio do Teatro. Esta história e esta música fazem-me refletir e ir a vários sítios, de alegria e de tristeza, de algum saudosismo, e até algum arrependimento, em alguns casos. Eu penso que a *Alice no País das Maravilhas* obriga-nos, acima de tudo, a refletir e a perceber onde está a nossa realidade. O espetáculo tem um grande caráter de entretenimento, vamos rir muito, mas também tem zonas em que, se nos deixarmos ir, vamos sentir alguma dor. É o oito e o oitenta! Se tivermos disponibilidade para ir a esses sítios, este espetáculo ajuda-nos a fazer uma espécie de terapia. Vai ser bom!



SALA CARMEN DOLORES . A PARTIR 4 SET. QUA A SÁB 21:00 E DOM 16:30

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS

Alice no País das Maravilhas é uma obra literária intemporal que nos convida, no decorrer de uma insana viagem entre a realidade e a imaginação, a debater a razão da nossa existência. O que verdadeiramente somos e, sobretudo, quem somos. Alice é o resultado das nossas dúvidas, sem idade e sem gênero.

Uma versão musical, frenética e alucinante que seduz o público a mergulhar no fantástico imaginário de Lewis Carroll.

De **Lewis Carroll**

Tradução e adaptação **Maria João da Rocha Afonso**

Encenação **Marco Medeiros**

Música e direção musical **Artur Guimarães**

Direção vocal e assistência à direção musical **Carlos Meireles**

Com **Alexandre Carvalho, Diogo Mesquita, FF, JP Costa, Mariana Lencastre, Rita Tristão da Silva, Romeu Vala, Ruben Madureira, Sissi Martins e Soraia Tavares**

Músicos **André Galvão, Artur Guimarães, Carlos Meireles, João Valpaços, Marcelo Cantarinhas e Tom Neiva**

Cenografia (concepção e construção) **Ângela Rocha**

Figurinos **Rafaela Mapril**

Desenho de luz **Marco Medeiros**

Desenho de som **Sérgio Milhano**

Movimento **JP Costa**

Assistência de encenação **Rebeca Duarte**

Apoio à construção da cenografia **Catarina Sousa, Filipe Dominguez, Jorge Miguel e Rita Cabrita**

Direção de cena **Pedro Viegas**

Técnicos de palco **Raquel Caetano, Tiago Areia, Máximo Sequeira** (Rigger)

Operação de luz **Pedro Gonçalves e Alexandre Jerónimo**

Som **Rui Santos e António Oliveira**

Guarda-roupa **Joana Margarida**

Fotografia cartaz e spot TV **Pedro Macedo – Framed Photos**

Fotografia de cena **Alípio Padilha**

Produção **Teatro da Trindade INATEL**

O espetáculo utiliza luz estroboscópica.

CONVERSA COM O PÚBLICO . 12 OUT . APÓS O ESPETÁCULO



TEATRO DA TRINDADE INATEL

Direção Artística **Diogo Infante** Direção Executiva **Hugo Paulito**

Secretariado da direção **Elisabete Duarte e Rita Martins** Tesouraria **Inês Figueiredo**

Produção **Andreia Rocha e Maria Cancela** Comunicação **Raquel Guimarães** (Coordenadora), **Adriano Filipe e Sónia Castro** Núcleo de cena **Nuno Pereira** (Coordenador) Direção de cena **Pedro Viegas e Raquel Caetano** Iluminação **Pedro Gonçalves** (Responsável) e **Alexandre Jerónimo** Som **Rui Santos** (Responsável) e **António Oliveira** Palco **Ana Machado, Joana Margarida, Tatiana Damaya e Tiago Areia** Receção/Bilheteira **Ana Rita Teixeira e Simão Mendes** Manutenção geral **Vítor Albuquerque e Filipe Bastos** Técnicas de limpeza **Helena Gameiro** (Encarregada), **Elsa Fernandes e Fernanda de Jesus** Portaria / Vigilância **Carla Aniceto e Protecção Total**



www.teatrotrindade.inatel.pt